

Como não resistir?

Poesia e Resistência segundo os Poetas do Estado Espanhol

Pedro Serra

Universidad de Salamanca

“Como não resistir?” ... Poderia, decerto, ser esta a resposta e a questão ao desafio que [LyraCompoetics](#) lançou aos poetas do Estado Espanhol [aqui](#) congregados. Sim, porque ‘não resistir’ era, a diferentes títulos, o cenário, ou parte do cenário proposto. Talvez mesmo a parte fundamental. ‘Não resistir’ à instigação da pergunta – agradeço, neste sentido, a generosíssima disposição dos poetas para responder, a disponibilidade para considerar-se implicados pela demanda de uma “Poesia e resistência” –, sabê-la irresistível, mas por isso mesmo, oferecer-lhe resistência. ‘Não resistir’, assim, como possibilidade que decerto todos os poetas, intimamente, sabem ser condição de garantia da liberdade, da ideia e prática emaranhadas da liberdade.

A resistência como traçar limites: o poder da poesia enquanto curto-circuito, travagem, obstáculo. Notar-se-á como, nos depoimentos, vão sendo proporcionadas diferentes imagens deste exercício de violentação, que é vário: “Todo fenómeno puede caer en el poema” (Alberto Santamaría); a poesia, como a esgrima, é “*estranho desporto*” (Carlos Quiroga) ou “un dardo, un acento o una grieta... abre latas” (Eduard Escoffet); a poesia, enfim, “é testemunha é um *implante* de futuro” (Chus Pato). O poema como *lugar da queda* – ‘cair’ como movimento vertical (de cima para baixo); ou *lugar na queda* – ‘cair’ como perda de equilíbrio que tende para um suporte que o detém –, isto é, onde se pende e inclina, material em suspensão; enfim, *queda do lugar* – ‘cair’ como separação, perda de aderência. Mas sobretudo: potencialidade de *lugar da queda*, *lugar na queda*, *queda do lugar*. Poder

cair no poema. Talvez seja esta potencialidade, esta dinâmica, a que *estranha* no desporto versificatório: o esgrimista em equilíbrio precário. Como um fenómeno: mantém o equilíbrio quando perde o equilíbrio. O poeta que pende no verso plantado num chão – assente no presente – é “testemunha” (isto é: um terceiro excluído, o corpo presente) e no reverso implanta o futuro. A violência do florete, ou do abre-latas: estar dentro e fora do tempo, energia solta que planta, encaixa, enxerta o fantasma do futuro, um futuro fantasma. A resistência, por outro lado, como materiais em suspensão: trata, a poesia, de “controlar este desgaste, esta erosión” (Ben Clark). A energia solta, a potência, a dinâmica, tem, também ela, limites, ao tender para o zero, o deserto. Mas há um osso, o motor de um osso na retenção e protensão desse deserto. Aquele que, por exemplo, Eugenio Tisselli pode descrever assim: “una poesía algorítmica que, sin voluntad ni visión del mundo, devuelva a las palabras una materialidad pura”. O zero e o um: o *motorhueso*. Abstraindo daqui, teremos coisas como o rumor deste motor, a desculpa *perfeita* da música (a musa que tira a culpa): “su proximidad con la música, el ritmo... son la excusa perfecta para convertirse en la expresión base de la resistencia” (María Lado). Resistir, por último, como problema da habitação: quer “resistencia, por ejemplo, frente a la clausura de horizontes de sentido” (Jorge Riechmann); quer “moneda y cisne... situar lo poético en el territorio de lo refractario” (María Ángeles Pérez López); quer “el poema como lugar habitable” (Miguel Casado); quer, enfim, “el lugar donde oro y arapos se confunden” (Tomás Sánchez Santiago). Habitar o poema como fluxo de intensidades. A poesia, formula o poeta Antonio Gamoneda, como “intensificación de la conciencia”: *Esta luz*.

Entre os possíveis do inquérito, como resposta à própria instigação do inquérito, esteve, estará sempre, a opção de não responder; e esta opção é, certamente, parte de uma “resistência” pela poesia, na poesia, da poesia. Seja como for, “como não resistir?”, manter a possibilidade de não resistir, é um imperativo difícil. A partir de diferentes ângulos, os poetas do Estado Espanhol inquiridos aproximaram-se da questão: se a poesia *resiste sempre*, se a resistência é uma dimensão estruturante da poesia, então essa resistência ilimitada determina no poeta o imperativo do limite, dos limites. Uma resistência absoluta, uma resistência condicionada: eis a tensão no âmago de uma poesia que resista. O imperativo de resistência é também o imperativo de renúncia a resistir.

Pedro Serra (1969) é *Doutor em Filologia* pela Universidade de Salamanca, onde entrou como docente em 1994 e é actualmente Professor Titular da Área de Filologia Galega e Portuguesa. Coordena, no Departamento de Filologia Moderna, a Graduação em *Estudos Portugueses e Brasileiros*. É professor do programa de doutoramento em *Materialidades da literatura* da Universidade de Coimbra. Publicou, recentemente, o volume *Estampas del imperio. Del barroco a la modernidad tardía portuguesa* (Madrid, Sequitur, 2012) e editou o volume *Aula de los medios. Poesía, Cine y Fotografía* (Salamanca, Ed. USal, 2012). Integra, como membro investigador, o *Grupo de Investigación de Excelencia em Estudos Hispano-Lusófonos* da Junta de Castela e Leão. É membro de outros grupos de investigação, entre eles do *Centro de Literatura Portuguesa*, da Universidade de Coimbra, do grupo *LyraCompetics*, da Universidade do Porto, do *Seminario Discurso, Legitimación, Memoria* e do grupo *ILICIA. Inscripciones literarias de la ciencia*, ambos com sede na Universidade de Salamanca, instituição onde pertence, ainda, como membro colaborador, ao grupo *E-Lectra. Edición electrónica y nuevas formas de transferencia de la información*.